

DA ‘PORTUGALIDADE’ À LUSOFONIA

Autor: Vítor de Sousa

Prefácio: Moisés de Lemos Martins

Capa: António Modesto

Revisão e paginação: Margarida Baldaia

Diretor das Coleções do CECS: Moisés de Lemos Martins

Diretor-Adjunto das Coleções do CECS: Manuel Pinto

© Universidade do Minho

© Edições Húmus, Lda., 2017

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão

Telef. 252 301 382

humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde

1.ª edição: Novembro de 2017

Depósito legal: 431000/17

ISBN: 978-989-755-270-0

Apoio:

Cofinanciado por:



Financiado pelo COMPETE: POCI-01-0145-FEDER-007560 e FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito do projeto: UID/CCI/00736/2013.

DA OBSESSÃO DA PORTUGALIDADE AOS EQUÍVOCOS E POSSIBILIDADES DA LUSOFONIA

Moisés de Lemos Martins*

Vítor de Sousa defendeu, em 2015, na Universidade do Minho, uma tese de doutoramento em Ciências da Comunicação, na especialidade de Comunicação Intercultural, intitulada *Da Portugalidade à Lusofonia*. O livro, agora dado à estampa, constitui a refundição dessa tese, retomando dela o título e o propósito, assim como os principais desenvolvimentos e conclusões.

Centrando a atenção no Portugal, “aldeia rural que sonha um império” (Martins, 1986 b, 2014 b, 2016), *Da Portugalidade à Lusofonia* constitui uma cabal demonstração da tese de Marta Nussbaum (1996), de que o patriotismo é moralmente perigoso, não apenas porque o principal sentimento que as nações devem desenvolver é a cooperação, e não a competição, mas sobretudo porque as pessoas devem olhar para a comunidade mundial dos seres humanos, e não, antes de mais, para a comunidade nacional¹.

Mas é com uma argúcia igual à que teve, quando visou a figura da “Portugalidade”, que Vítor de Sousa interroga a figura da “Lusofonia”, da qual os Portugueses não desgrudam nunca (Pascoais, 1915; Dias, 1961; Quadros, 1967; Bento Domingues, 1988; Silva e Jorge, 1993; Santos, 1994; Lourenço, 1983, 1999; Mattoso, 1985, 1986; Gil, 2004; Cristóvão, 2008; Monteiro e Domingos, 2015; Real, 2017; Almeida, 2017)².

É verdade, no entanto, que os nossos parceiros lusófonos, tal como muitos portugueses, têm um sentimento dividido, relativamente à figura da

* Diretor do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), da Universidade do Minho. moisesm@ics.uminho.pt

1 É este o sentido do primeiro capítulo do livro *For Love Country*, escrito por Nussbaum e intitulado “Patriotism and Cosmopolitanism” (Nussbaum e Cohen, Orgs., 1996, pp. 3-20).

2 Sobre aquilo que as definições identitárias possam ter de essencialista, ver Richard Sennett (1994), “The Identity Myth”.

Lusofonia. Uns olham-na com desinteresse; outros desconfiam dela; outros ainda, chegam a manifestar-lhe repulsa³. Vejam-se, neste último sentido, as farpas críticas e aceradas com que o linguista brasileiro Carlos Alberto Faraco (2016) zurze a Lusofonia, na sua *História Sociopolítica da Língua Portuguesa*, recentemente publicada.

1. Um Portugal de Pequenitos

Onésimo Teotónio Almeida, professor na Universidade de Brown, publicou, já em 2017, *A Obsessão da Portugalidade*. O estudo é feito à maneira de um mosaico de muitas peças e tem como objeto a questão da identidade nacional.

A seu modo, Onésimo Almeida declina o problema que Eduardo Lourenço (1983) identificou em tempos: Portugal sofre do mal de hiperidentidade, porque nunca se recompôs verdadeiramente de ter perdido as colónias. E teria sido por esta razão, que agora se arrasta na história, penosamente, com a nostalgia de um tempo em que foi império, não divisando para si outra grandeza que a de repetir no presente o já feito e o já sido (*ibidem*).

A obra do arquiteto Cassiano Branco, o Portugal dos Pequenitos, mandada construir em Coimbra, em 1940, pelo médico Bissaya Barreto, ilustra, exemplarmente, esta ideia de Portugal, que não divisa para si outra grandeza que a de repetir no presente o já feito e o já sido (Martins, Oliveira & Bandeira, 2011; Martins, 2016).

Nos anos trinta do século XX, o Estado Novo projetou a ideia de um país que era um puro passado, um país antigo, cristão, tradicional e humilde, feito de temperamento rural e, paradoxalmente, herdeiro de um destino colonial e de uma missão civilizadora (Martins, 2016). O Portugal dos Pequenitos viu nesta ideia de Portugal o seu destino e calçou-o como uma luva, apresentando-se perante a nação como a sua metáfora, e simultaneamente como a sua metonímia. Se o país se projetava no seu passado, a ponto de toda a sua grandeza constituir uma espécie de repetição do já feito e do já sido, o Portugal dos Pequenitos era o exemplo vivo dessa tradição. Por um lado, exaltava a concórdia de um “país-aldeia-rural”, na singeleza das casinhas, construídas ao gosto de cada região do país. E, por outro lado, figurava o *imperium*, nas

3 Um dos investigadores portugueses mais relutantes à figura da Lusofonia é Alfredo Margarido. Veja-se, por exemplo: *A Lusofonia e os Lusófonos – Novos Mitos Portugueses* (Margarido, 2000).

miniaturas com que desenhou cada uma das “províncias ultramarinas”, afinal, os novos mundos que a “pequena casa lusitana” dera ao mundo.

O Portugal dos Pequenitos pôde ser, então, de geração em geração, a dona de casa rural com “sonhos de caravelas”, que o regime fantasmava, a metáfora e a metonímia de um Portugal que se queria rural e ultramarino, plurirracial e multicontinental, do Minho a Timor (Martins, 1986 a, 1986 b, 1992, 2014 b, 2016).

Mas o Estado Novo tanto fantasmava as suas raízes no Portugal dos Pequenitos, em viagem pelos baús da história, como as fantasmava no concurso “A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal” ou nos concursos de trajes à lavradeira. Com efeito, em 1938, Belmonte ganhou o concurso “A Aldeia Mais Portuguesa de Portugal”, promovido pelo Secretariado da Propaganda Nacional. Mas, pela mesma época, Viana do Castelo promovia majestosos certames de traje, com vianenses vestidas à lavradeira. Como o assinalei, referindo-me às Festas da Senhora d’Agonia (Martins, 2000, p. 141), “nas paradas folclóricas, etnográficas e históricas, em cortejo pelas ruas ou em desfile em cima dos palcos, Viana era o país”. Mas eram-no, igualmente, Coimbra e Belmonte, onde se fantasmava a mesma dona de casa rural, com sonhos de caravelas.

2. A Lusofonia como herança e troféu de guerra

O mal de hiperidentidade de Portugal, para que chamou a atenção Eduardo Lourenço, não se cinge, em exclusivo, à Portugalidade. Também se alarga à Lusofonia. Por essa razão, Mia Couto (2009) olha com desconfiança para o lugar da Lusofonia, duvidando que ela possa ser coisa diferente de um lugar de “luso-afonias”, afinal um lugar de não conhecimento e de não reconhecimento das comunidades do espaço geocultural lusófono, um espaço transnacional e transcontinental⁴.

Esta mistura de sentimentos contraditórios, a que anda associada a figura da Lusofonia, ocorreu, por exemplo, no decurso da III Conferência Internacional sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial, realizada, em 2016, pelo Instituto Internacional da Língua Portuguesa, em Timor-Leste.

4 Diz Mia Couto (2009, pp. 192-193): “O governo moçambicano fez mais pela língua portuguesa que os 500 anos de colonização. Mas não o fez por causa de um projecto chamado lusofonia. [...] Fê-lo pelo seu próprio interesse nacional, pela defesa da coesão interna, pela construção da sua própria interioridade”. Ver, também, “Celebrar uma Cultura Mulata” (Couto, 1993).

Numa convocação de Amílcar Cabral, houve quem referisse que a língua portuguesa teria sido a “maior e melhor herança” que Portugal deixara aos povos por si colonizados. Mas Lourenço do Rosário, atual Reitor da Universidade Politécnica de Moçambique, contrariou esta versão da história. A razão estaria do lado de Samora Machel, para quem a língua portuguesa não passaria de um “troféu de guerra” para os povos africanos de língua portuguesa.

A questão colocada por Lourenço do Rosário, com esta crueza, é um ato de insurgência contra quem se apresenta como dono da língua, quando a Lusofonia deve ser entendida como inextricavelmente portuguesa, brasileira, angolana, moçambicana, guineense, cabo-verdiana, são-tomense, timorense, galega, assim como de todas as diásporas destes povos. Como bem assinala o linguista brasileiro, José Luiz Fiorin (2006, p. 46): “É necessário que não haja autoridade paterna dos padrões lusitanos. [...] A lusofonia não será pátria, porque não será um espaço de poder ou de autoridade. Será matria e será fratria, porque deve ser o espaço dos iguais, dos que têm a mesma origem. Se assim não for, ela não terá nenhum significado simbólico real, será um espaço do discurso vazio de um jargão político sem sentido”. Ou seja, o espaço cultural da Lusofonia e a comunidade e a confraternidade de sentido e de partilha comuns só podem realizar-se pela assunção da pluralidade e da diferença e pelo conhecimento aprofundado de uns e de outros.

Neste contexto, a visão messiânica do Quinto Império cultural, de Agostinho da Silva, não faz avançar, um passo que seja, a construção da comunidade lusófona, embora, entre muitos outros investigadores, Fernando Cristóvão, Diretor do Instituto Camões nos anos oitenta, dê a esta visão o lustro da sua indiscutível erudição e sabedoria. Na obra que publicou em 2008, *Da Lusitanidade à Lusofonia*, Fernando Cristóvão traçou um caminho lusocêntrico para a Lusofonia. Mas um tal caminho não pode ser partilhado pelos povos que com Portugal partilham o centro do debate, por constituírem todos, em pé de igualdade, a razão de ser da Lusofonia.

Este debate tem atravessado o espaço geopolítico transnacional dos povos que falam o Português. Mas não passará de um equívoco a ideia de Lusofonia, se consistir numa serôdia recauchutagem do luso-tropicalismo de Gilberto Freyre, uma teoria social que se funda na “excecionalidade” da colonização portuguesa (Teixeira, 2014; Martins, 2006, 2007) – uma ideia de colonização doce, fraterna, não violenta, nem escravagista. Proposto no Brasil, a partir dos anos 30 do século passado, o luso-tropicalismo foi tornado doutrina oficial

no Portugal de Salazar, a partir do fim da II Guerra Mundial⁵. Mas uma ideia dessas para a Lusofonia não passa de um equívoco neocolonial. E, nesse caso, mais vale “acabar de vez” com ela, como António Pinto Ribeiro o defendeu no jornal *Público*, em 2013. Na verdade, não é destino digno para povo algum deixar-se “apagar” pela centralidade portuguesa, como o tem lembrado o académico moçambicano, Nataniel Ngomane (2012)⁶.

Dá-se o caso, no entanto, de a ideia de Lusofonia se inscrever no contexto do atual debate sobre a globalização, que é uma realidade de cariz predominantemente económico-financeiro, comandada pelas tecnologias da informação. A globalização apresenta-se, hoje, como um destino inexorável para todos os povos, sendo única e definitiva a identidade dos indivíduos de todas as nações, doravante móveis e flexíveis (sem direitos sociais), mobilizáveis (respondendo ao mercado), competitivos (adotando a lógica da produção) e performantes (realizadores de sucesso), no mercado global.

Existem, todavia, razões culturais, e também comerciais e económicas, que podem fazer da Lusofonia uma ideia grandiosa. Mas a Lusofonia tem, sobretudo, virtualidades estratégicas, para o espaço transnacional e transcultural dos povos que falam o Português. Os países lusófonos encontram-se, hoje, do mesmo lado da barricada, de países dominados e em permanência empurrados para a periferia da globalização hegemónica – um espaço falado numa única língua, o inglês.

5 Entre todas as obras de Gilberto Freyre, permito-me assinalar aqui *O Mundo que o Português Criou*, uma publicação emblemática, de 1940.

6 Independentemente de outros enquadramentos que o debate sobre a Lusofonia possa merecer, não podemos deixar de a conceptualizar no contexto do pensamento pós-colonial, à semelhança, aliás, do que é feito com as outras identidades transnacionais. Por esta razão, entendemos que tem todo o sentido, convocar para o debate, não apenas Homi Bhabha, *The Location of Culture* (1998) e *Nation and a Narration* (1990), como também Liu e Hilton (2005), *How the past weighs on the present: Towards a social psychology of histories*, e Gayatri Spivak (1999), *A Critique of Postcolonial Reason. Toward a History of the Vanishing Present*.

Sobre outros enquadramentos que o debate sobre a Lusofonia possa merecer, gostaríamos de assinalar o ponto de vista estratégico e jurídico-político de Vamireh Chacon (2002), proposto em *O Futuro da Lusofonia*; também o ponto de vista linguístico, de Regina Brito e Moisés de Lemos Marins, que remete para “o sistema de comunicação linguístico-cultural da língua portuguesa e das suas variedades” (Brito e Martins, 2004); e ainda o ponto de vista estético, de José Carlos Venâncio (2015), apresentado em “A lusofonia enquanto experiência estética. Considerações em torno da existência de um cânone lusófono”.

Por esta razão, dado o contexto de comum subalternidade de todos os países lusófonos, podemos pensar a Lusofonia como uma circum-navegação tecnológica (Martins, 2011 a, 2014 a, 2015; Martins, Cabecinhas e Macedo, 2010; Macedo, 2013), uma travessia a ser realizada por todos os povos lusófonos, no sentido do interconhecimento, da cooperação cultural, científica, social, política e económica, e ainda da afirmação da diversidade no mundo, enfim uma circum-navegação que abra os confins do desenvolvimento humano.

3. A Lusofonia como figura da modernidade

As narrativas contemporâneas falam-nos da nossa atual experiência, dando-nos a ver paisagens tecnológicas, que exprimem atmosferas sensíveis e sociais. Estas paisagens tanto remetem para um tempo de mobilização total para o mercado (Martins, 2010), como simultaneamente remetem para um tempo agitado, um tempo de sobreaquecimento contínuo, que mobiliza as emoções e configura formas melancólicas. Por sua vez, tais formas imaginárias resultam da combinação entre *techne* e *aesthesis*, ou seja, entre técnica e emoção, e também, entre *techne* e *arche*, o que quer dizer, entre o novo e o arcaico (Martins, 2003, 2005, 2007, 2009). Mas é através destas formas melancólicas que se reconfigura, em permanência, o sentido de comunidade, pelo desejo de ser-e-estar-com-outros⁷.

Uma ideia atual de Lusofonia, consistindo apenas numa ideia de comunidade, não é alheia a esta cinética moderna, uma cinética tecnológica⁸.

7 No quadro do projeto “Narrativas identitárias e memória social: a (re)construção da Lusofonia em contextos interculturais”, executado na Universidade do Minho, sob a coordenação de Rosa Cabecinhas (Ref. FCT: PTDC/CCI-COM/105100/2008), foram realizados estudos aprofundados sobre a Lusofonia, como “reinvenção de uma comunidade geocultural na sociedade em rede”. Ver, por exemplo: Macedo (2013), *Da diversidade do mundo ao mundo diverso da lusofonia*; Macedo, Martins, Cabecinhas, Macedo (2013), “Researching identity narratives in cyberspace: some methodological challenges”; Macedo, Martins, Cabecinhas (2011), “Blogando a Lusofonia: Experiências em Três Países de Língua Oficial Portuguesa”; Macedo, Martins, Macedo (2010), “Por Mares Nunca Dantes Navegados” – Contributos para uma Cartografia do Ciberespaço Lusófono”. Ver também: Martins, Cabecinhas e Macedo (2010), *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*. Vol. *Lusofonia e Sociedade em Rede*; e Martins, Cabecinhas, Macedo (2011), *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*. Vol. *Lusofonia e Cultura-mundo*.

8 A “modernidade” é aqui conceptualizada como um novo contexto de manifestação e constituição da diversidade, embora a modernidade, ela própria, também possa ser múltipla. Como salienta Joel Kahn (2001), cada sociedade produz uma versão específica de modernidade.

Não pode, pois, deixar de se inscrever no contexto do atual debate sobre a globalização, que é uma realidade de cariz eminentemente económico-financeiro, comandada pelas tecnologias da informação, como atrás foi assinalado. Esta ideia de globalização dá-nos uma identidade definida, ou seja, definitiva, uma identidade de indivíduos móveis, mobilizáveis, competitivos e performantes no mercado global (Martins, 2015, pp. 9-10). E exprime, além disso, uma conceção cosmopolita de cultura, a cultura-mundo (Martins, Cabecinhas, Macedo, 2011), uma cultura da unidade, servida por uma única língua, o inglês.

Mas se é verdade que o mundo se unificou, através da expansão do capitalismo, também se diversificou, por via de resistências e adaptações diversas (Sahlins, 1993, p. ix). Como assinala Manuel Ivone Cunha (2015, p. 277), “A integração global e a diferenciação local seriam até certo ponto concomitantes. A diferenciação desenvolver-se-ia como resposta à integração mundial”⁹.

É este o contexto em que me parece dever ser situado aquilo a que podemos chamar de “globalização multiculturalista” e que nos vai permitir enquadrar a Lusofonia. A globalização cosmopolita, fundada nas tecnologias da informação e na economia, não pode ser contrariada por indivíduos solitários e impotentes, nem por Estados-nações em crise. Pode-o ser, todavia, pela globalização multiculturalista, que reúne os povos de áreas geoculturais alargadas, promove e respeita as diferenças, dignificando, do mesmo passo, as línguas nacionais. A globalização multiculturalista é a globalização do que é diverso, do que é diferente, do que é outro. É feita pela mistura, pela miscigenação de etnias, línguas, memórias e tradições¹⁰. E é este o sentido que nos parece dever interessar a Lusofonia.

Vítor de Sousa é sistemático, rigoroso e metuculoso na consideração de todas estas questões. Sobre a assombrção da figura de “portugalidade”, que vampiriza a figura de “lusofonia”, chega a dizer que “não pode haver lusofonia com portugalidade”. Mas não é apenas sobre equívocos, antigos e modernos, lusotropicalistas, neocoloniais, ou outros, que se ocupa *Da Portugalidade à Lusofonia*. Esta obra ensaia sobre as possibilidades da Lusofonia, não apenas como figura, mas também como espaço geocultural, transnacional e transcontinental.

9 A este propósito, ver também Arjun Appadurai (2005), *Dimensões Culturais da Globalização*.

10 Sobre a tensão entre a globalização cosmopolita e a globalização multiculturalista, ver “Globalization and Lusophone world. Implications for Citizenship” (Martins, 2011 b).

Por essa razão, *Da Portugalidade à Lusofonia* não é, sem mais, uma tese de doutoramento, entre muitas, que agora é publicada em livro. Com esta tese ganhou Vítor de Sousa, em 2016, o Prémio Mário Quartim Graça, da Casa da América Latina, um prémio que a distinguiu como a melhor tese de doutoramento, submetida a concurso em Ciências Sociais, em Portugal e na América Latina.

Através dos seus leitores, espera-se, agora, que *Da Portugalidade à Lusofonia* possa prosseguir o combate, não apenas da afirmação da diferença plural, em que radica o espaço lusófono, mas também do reconhecimento da diversidade dos povos e culturas que o constituem.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, O. T. (2017). *A Obsessão da Portugalidade*. Lisboa: Quetzal.
- APPADURAI, A. (2005) [1996]. *Dimensões Culturais da Globalização*. Lisboa: Teorema.
- BENTO DOMINGUES (1988). *A Religião dos Portugueses*. Porto/Lisboa: Figueirinhas.
- BHABHA, Homi (1998). *The Location of Culture*. London, New York: Routledge.
- BHABHA, Homi (Ed.) (1990). *Nation and Narration*. London: Routledge.
- BRITO, R. e MARTINS, M. L. (2004). Moçambique e Timor-Leste: onde também se fala o português. III Congresso da Sopcom. UBI: Covilhã. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/1005>.
- CHACON, V. (2002). *O Futuro da Lusofonia*. Lisboa: Verbo.
- COUTO, M. (2009). Luso-Afonias. A lusofonia entre viagens e crimes. In *E se Obama Fosse Africano e Outras Interinvenções* (pp. 183-198). Lisboa: Editorial Caminho.
- COUTO, M. (1993). Celebrar uma Cultura Mulata. In *Xipalapala Artes e Letras*, ano II, n.º 88, Notícias, Maputo, 20/12.
- CRISTÓVÃO, F. (2008). *Da Lusitanidade à Lusofonia*. Coimbra: Almedina.
- CUNHA, M. I. (2015). As Duas Faces da Cultura: Usos e sentidos de uma noção. In Durand, J.-Y. e Martins, H., *Olhares e Ofícios de Antropólogos em Espanha e Portugal* (pp. 269-291). Braga: CRIA-UMinho. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/40115>.
- CUNHA LEÃO, F. (1998) [1960]. *O Enigma Português*. Lisboa: Guimarães Editores.
- DIAS, J. (1961). Os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa. *Ensaios Etnológicos*, 52 (pp. 97-119). Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar.
- FARACO, C. A. (2016). *História Sociopolítica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Parábola.
- FIORIN, J. L. (2006). A Lusofonia como Espaço Linguístico. In: Bastos, N. M. (Org.) *Língua Portuguesa: Reflexões Lusófonas* (pp. 25-48). São Paulo: EDUC.

- FREYRE, G. (1940). *O Mundo que o Português Criou*. Lisboa: Edição Livros do Brasil. 2.^a edição.
- GIL, J. (2004). *Portugal Hoje – O Medo de Existir*. Lisboa: Relógio d'Água.
- KAHN, J. S. (2000). Anthropology and Modernity. *Current Anthropology*, 42 (5), pp. 651-664.
- LOURENÇO, E. (1999). *A Nau de Ícaro seguido de Imagem e Miragem da Lusofonia*. Lisboa: Gradiva.
- LOURENÇO, E. (1983). Crise de Identidade ou Ressaca 'Imperial'?, *Prelo* (pp. 15-22). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- LIU, J. H. e HILTON, D. (2005). How the Past Weighs on the Present: Towards a social psychology of histories. In *British Journal of Social Psychology*, 44, pp. 537-556.
- MACEDO, L. (2013). *Da Diversidade do Mundo ao Mundo Diverso da Lusofonia: A reinvenção de uma comunidade geocultural na sociedade em rede*. Dissertação de doutoramento apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- MACEDO, L.; MARTINS, M. L.; CABECINHAS, R.; MACEDO, I. (2013). Researching Identity Narratives in Cyberspace: Some methodological challenges. In: Cabecinhas, R. e Abadia, L. (Org.). *Narratives and Social Memory*. Braga: CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, pp. 119-133. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/29813>.
- MACEDO, L.; MARTINS, M. L.; CABECINHAS, R. (2011). Blogando a Lusofonia: Experiências em três países de língua oficial portuguesa”. In Martins, M. L.; Cabecinhas, R.; Macedo, L. (Eds.), *Lusofonia e Cultura-Mundo, Anuário Internacional de Comunicação Lusófona* (pp. 121-142). UMinho/Grácio: Lusocom, Sopcom, CECS. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/36686>.
- MACEDO, L.; MARTINS, M. L.; MACEDO, I. (2010). 'Por Mares Nunca Dantes Navegados' – Contributos para uma cartografia do ciberespaço lusófono. In Martins, M. L.; Cabecinhas, R.; Macedo, L. (Eds.). *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona* (pp. 11-39). UMinho/Grácio: Lusocom, Sopcom, CECS. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/36699>.
- MARGARIDO, A. (2000). *A Lusofonia e os Lusófonos – Novos mitos portugueses*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- MARTINS, M. L. (2016). *O Olho de Deus no Discurso Salazarista*. Porto: Afrontamento. 2.^a edição.
- MARTINS, M. L. (2015). *Lusofonia e Multiculturalismo. Promessa e travessia*. Famalicão: Húmus. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/29957>.
- MARTINS, M. L. (2014 a). Língua Portuguesa, Globalização e Lusofonia. In Bastos, N. M. (Org.). *Língua Portuguesa e Lusofonia* (pp. 15-33). São Paulo: EDUC – IP/PUC. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/29178>.

- MARTINS, M. L. (2014 b). Os Mitos de Origem no Salazarismo – O passado como se fora presente. In *Europa das Nacionalidades. Imaginários, identidades e metamorfoses políticas* (pp. 185-191). Coimbra: Grácio Editor / Programa Doutoral em Estudos Culturais. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/40121>.
- MARTINS, M. L. (2011 a). *Crise no Castelo da Cultura. Das estrelas para os ecrãs*. Coimbra: Grácio Editor. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/29167>.
- MARTINS, M. L. (2011 b). Globalization and Lusophone World. Implications for citizenship. In Pinto, M. e Sousa, H. (Eds.) *Communication and Citizenship. Rethinking crisis and change* (pp. 75-84) (IAMCR Conference, 2010). Coimbra: Grácio/CECS. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/25344>.
- MARTINS, M. L. (2010). A mobilização infinita numa sociedade de meios sem fins. In Álvares, C. e Damásio, M. (Orgs.), *Teorias e Práticas dos Media. Situando o local no global* (pp. 267-278). Lisboa: Edições Lusófonas. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/24250>.
- MARTINS, M. L. (2009). Ce que peuvent les images. Trajet de l'un au multiple. *Les Cahiers Européens de l'Imaginaire*, 1, pp. 158-162. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/24132>.
- MARTINS, M. L. (2007). Nota introdutória. A época e as suas ideias. *Comunicação e Sociedade*, 12, pp. 5-7. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/24115>.
- MARTINS, M. L. (2006). Lusofonia e Luso-tropicalismo. Equívocos e possibilidades de dois conceitos hiper-identitários. In Bastos, N. M. (Org.). *Linguística Portuguesa. Reflexões lusófonas* (pp. 49-62). São Paulo: EDUC – IP/PUC. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/1075>.
- MARTINS, M. L. (2005). Espaço Público e Vida Privada. *Revista Filosófica de Coimbra*, 27, pp. 157-172. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/23799>.
- MARTINS, M. L. (2003). O Quotidiano e os Média. *Todas as Letras*, 5, pp. 97-105. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/1064>.
- MARTINS, M. L. (2000). Viana Cumpre-se em Festa. Martins, M.; Gonçalves, A.; Pires, H., *A Romaria da Senhora d'Agonia – Vida e memória da cidade de Viana* (pp. 139-141). Viana do Castelo: Associação Desportiva e Cultural dos Trabalhadores dos Estaleiros de Viana do Castelo. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/25607>.
- MARTINS, M. L. (1986 a). Uma Solidão Necessária à Ordem Salazarista: A família como terapêutica nacional. *Cadernos de Ciências Sociais*, n. 4, pp. 77-83. Porto: Afrontamento. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/23773>.
- MARTINS, M. L. (1986 b). A Dona de Casa e a Caravela Transatlântica: Estudo sócio-antropológico do imaginário salazarista. *Cadernos do Noroeste*, 5, pp. 191-204. ICS: UMinho. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/25357>.

- MARTINS, M. L.; OLIVEIRA, M.; BANDEIRA, M. (2011). O 'Mundo Português' da Exposição de 1940 em Postais Ilustrados. O global numa visão lusocêntrica. *Revista de Comunicação e Linguagens* 42 (pp. 265-277). Lisboa: Relógio d'Água/CECL. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24149>.
- MARTINS, M. L.; CABECINHAS, R.; MACEDO, L. (Eds.) (2010). *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*. Vol. *Lusofonia e Sociedade em Rede*. Coimbra: Grácio Editor/ Lusocom, Sopcom, CECS.
- MARTINS, M. L.; CABECINHAS, R.; MACEDO, L. (Eds.) (2011). *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*. Vol. *Lusofonia e Cultura-mundo*. Coimbra: Grácio Editor/ Lusocom, Sopcom, CECS.
- MARTINS, M. L.; SOUSA, H.; CABECINHAS, R. (Eds.) (2007). Lusocom: Estudo das políticas de comunicação e discursos no espaço lusófono. In: Ledo, M. (Org.). *Comunicación Local no Espazo Lusófono* (pp. 301-310). Santiago de Compostela: Agacom. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/24127>.
- MARTINS, M. L.; SOUSA, H.; CABECINHAS, R. (Eds.) (2006). *Comunicação e Lusofonia. Para uma abordagem crítica da cultura e dos média*. Porto: Campo das Letras. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/30019>.
- MATTOSO, J. (1985). *Identificação de um País. Ensaio sobre as origens de Portugal 1096-1325*, Vol. I. Lisboa: Editorial Estampa.
- MATTOSO, J. (1986). *Identificação de um País. Ensaio sobre as origens de Portugal 1096-1325*, Vol. II. Lisboa: Editorial Estampa.
- MONTEIRO, B. e DOMINGOS, N. (Orgs.) (2015). *Este País Não Existe. Textos contra ideias feitas*. Deriva. *Le Monde diplomatique* (edição portuguesa).
- NGOMANE, N. (2012). Quem quer ser apagado?. In *Sol* – edição moçambicana, 6 de janeiro.
- NUSSBAUM, M. e COHEN, J. (Eds.) (1996). *For Love of Country: Debating the limits of patriotism*. Boston: Beacon Press.
- QUADROS, A. (1967). *O Espírito da Cultura Portuguesa. Ensaio literários e histórico-filosóficos*. Lisboa: Sociedade de Expansão Cultural.
- REAL, M. (2017). *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Planeta.
- RIBEIRO, A. P. (2013). Para acabar de vez com a lusofonia. In *Público* (Caderno Ípsilon), 18 de janeiro.
- SAHLINS, M. (1993). Goodbye to «Tristes Tropiques»: Ethnography in the context of modern history. *Journal of Modern History*, 65, March: 1-25.
- SANTOS, B. S. (1994). *Pela Mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. Porto: Afrontamento.
- SENNETT, R. (1994). The Identity Myth. *The New York Times*, 30 de janeiro.

- SPIVAK, G. C. (1999). *A Critique of Postcolonial Reason. Toward a history of the vanishing present*. Cambridge: Harvard University Press.
- SILVA, A. S. e JORGE, V. O. (Orgs.) (1993). *Existe uma Cultura Portuguesa?* Porto: Afrontamento.
- TEIXEIRA, J. (2014). O Olhar Português em África: A perenidade da crença na 'excepcionalidade portuguesa' e seus efeitos. IX Congresso Ibérico de Estudos Africanos. Coimbra, setembro. http://www.researchgate.net/profile/Jose_Teixeira12/publications (acedido a 01 de agosto de 2017).
- TEIXEIRA de Pascoaes (1978) [1915]. *A Arte de Ser Português*. Lisboa: Delraux.
- VENÂNCIO, J. C. (2015). A Lusofonia enquanto Experiência Estética. Considerações em torno da existência de um cânone lusófono. In Martins, M. L. (Org.), *Lusofonia e Interculturalidade. Promessa e travessia* (pp. 433-449). Famalicão: Húmus.